

“COM SINGULAR CUIDADO
& AMBICIOSA APLICAÇÃO”.
SERMÕES PREGADOS NA IGREJA DO LORETO
DA NAÇÃO ITALIANA

FERNANDA MARIA GUEDES DE CAMPOS *

O SERMÃO E A SUA CIRCUNSTÂNCIA

NO CONTEXTO RELIGIOSO CRISTÃO, a pregação foi sempre considerada como uma ação privilegiada pelo clero secular e regular para difundir a doutrina, combater as heresias e dar a conhecer as Escrituras. Configura um momento único de encontro entre o sacerdote e a comunidade de fiéis, emulando Cristo, ensinando, orientando, reprimindo e promovendo a circulação de ideias ao mesmo tempo que moldava comportamentos e atitudes morais e sociais. Ao tempo do estabelecimento da igreja de Nossa Senhora do Loreto, da Nação Italiana¹, os sermões construía-se segundo modelos e tinham um lugar de destaque nas cerimónias religiosas fossem elas no ambiente paroquial ou conventual, para público alargado ou restrito. O século XVI, sobretudo após o Concílio de Trento (1545-1563) consagrou a oratória sacra como a forma, por excelência, para comunicar a palavra de Deus e estimulou os

* Doutorada em História (NOVA-FCSH). Foi Subdiretora da Biblioteca Nacional (1992-2006). Lecionou, como docente convidada, na FLUL, UAL e ISCTE. É investigadora integrada do CHAM-NOVA FCSH e UAç e investigadora convidada do CEHR, UCL. fmgcampos@netcabo.pt

¹ A propósito do conceito de Nação italiana que usaremos neste estudo, transcrevemos as palavras de Nunziatella Alessandrini : “Esta sensibilidade de se apelar de “nação italiana” superando as rivalidades que na mãe-pátria opunham os pertencentes às várias regiões da península itálica, deve ser tida em consideração quando se estuda a presença italiana em Portugal a partir do século XVI...” (2015, p. 112).

membros do clero a adquirir as competências para exercer a pregação de forma a atrair e entusiasmar os povos e vinculá-los aos preceitos da religião. No século XVII consolidam-se práticas de oratória sacra que, no século seguinte, se adaptam e modificam em função da própria evolução da vida religiosa na sua relação com a sociedade².

De um modo geral, podemos distinguir dois tipos de pregação: a ordinária que correspondia à celebração em domingos e dias ou quadras de preceito, como o Advento e a Quaresma e a extraordinária que ocorria em razão de festividades específicas, ligadas a Jesus Cristo, à Virgem Maria ou a santos, mas também, entre outros, por motivo de canonizações, tomadas de hábito, exéquias, preces em momentos de cataclismo, autos de fé e ação de graças. Esse momento em que o padre (ou membro de uma ordem religiosa) se dirigia, em língua vernácula, à comunidade significava, portanto, uma ocasião única de transmissão de uma mensagem que se pretendia simples e direta, informativa e formativa, num tempo em que não existiam muitos outros meios de divulgação e, sobretudo, com a influência e o peso que a palavra religiosa tinha no contexto social. O pregador devia adaptar a forma discursiva ao assunto e ao público expectável. Em regra, a duração do sermão não devia ultrapassar 60 minutos, idealmente teria cerca de 30, mas não menos de 20.

É verdade que o sermão era uma narrativa feita para a oralidade e, como tal, preparada em discurso direto: às interrogações seguiam-se as explicações, o pregador fala na primeira pessoa e usa de um conjunto de gestos, modulações da voz e, sobretudo, de expressão de afetos que variavam consoante o tema. Porém, da palavra dita passou-se à palavra escrita. Ainda que timidamente, houve alguns sermões impressos na época de Quinhentos, mas é a partir do século XVII que se assiste a um expressivo crescimento da utilização da im-

² Cf. Frei Manuel do Cenáculo (1776), fonte coeva que apresenta uma síntese das práticas de pregação e os estudos de João Francisco Marques (2000 e 2001).

prensa, em Portugal como noutros países. De um momento efêmero em que as palavras eram ditas e apreendidas apenas pela audiência que ouvia o pregador, passava-se à consagração dessas palavras através da edição, atingindo assim um público mais amplo e intemporal. A consolidação de um texto feito para a oralidade num texto feito para ser lido não sucedeu, evidentemente, em todos os casos. Existia um conjunto de regras que os pregadores deviam observar não só para o acesso ao púlpito, mas também para a possibilidade de verem impressos os seus sermões, as quais assentavam no conhecimento e autorização prévia das respetivas autoridades religiosas, regulares ou seculares.

É evidente que aqueles que se distinguiam na oratória sacra e se tornavam conhecidos (e nalguns casos justamente famosos, como o padre António Vieira) veriam, com mais facilidade os seus sermões publicados. Há, portanto, uma relação entre a receção por parte do público e a passagem da palavra dita para a palavra escrita.

Impõe-se aqui fazer uma reflexão: qual o interesse do sermão impresso? Qual o público a que se destinava este tipo de conteúdos?

O interesse podemos medi-lo pelas muitas centenas de sermões que passaram da oralidade à escrita e que hoje figuram, em profusão, nas bibliotecas com fundos patrimoniais. O género predicativo também se manifestava em coletâneas, cabendo ao autor (ou a um editor) juntar vários dos seus sermões e até elaborar minuciosos índices temáticos que facilitavam a consulta da obra. Quanto ao sermão individual verificamos que é, normalmente, de impressão pouco cuidada sendo raros os casos em que uma ou outra gravura, a propósito do tema, vem ornar a folha de rosto. De baixo custo por exemplar, constituía uma mais valia para impressores e livreiros, pois existia um público específico que adquiria os sermões portugueses, mas que também se interessava pelos estrangeiros e, assim, circulavam no reino sermões editados

em Espanha, muito evidentes nos séculos XVI e XVII, e em França, a partir do século XVIII. Mais raros eram os sermões italianos, mas também se encontravam alguns exemplares.

Ora os grandes compradores de sermões eram as instituições regulares que assim asseguravam para as respectivas bibliotecas um conjunto de obras cuja matéria servia de apoio e exemplo aos religiosos que seguiram a carreira da pregação e foram muitos³. Naturalmente, também os religiosos seculares, muitos dos quais marcaram presença na oratória sacra, teriam interesse na aquisição de sermões.

ASPETOS DA ATIVIDADE PREDICATIVA NA IGREJA DO LORETO

Estas palavras introdutórias sobre a função e a importância do sermão no contexto religioso e social (pois também servia para modelar comportamentos) permite-nos compreender melhor o que foi a pregação na igreja do Loreto. Dispunha a igreja de sacerdotes próprios e habilitados para esta função, como aliás ocorria em outras igrejas da capital. No entanto, existia o costume de convidar membros de ordens religiosas para pregar, assegurando assim uma dinâmica e uma valorização aos serviços litúrgicos que podia atrair mais público, especialmente quando se tratava de nomes consagrados na oratória sacra. Do conjunto de sermões, de entre os muitos que, ao longo dos séculos, foram pregados na igreja de Nossa Senhora do Loreto, chegaram aos nossos dias sete que foram impressos. Adiante os apresentamos com mais detalhe, mas, para já, fica-nos a convicção de que se inserem numa prática continuada de convites pois os pregadores são, maioritariamente, membros do clero regular: três da Ordem dos Frades Menores, um da Ordem dos Pregadores, um da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho a que se juntam

³ João Francisco Marques (2001, p. 493) apresenta um estudo sobre os sermões que foram impressos, relacionando os cerca de 1300 que identificou com as ordens religiosas de onde provinham os pregadores e a época em que foram pregados e editados.

dois freires das ordens militares de Santiago e de Cristo, respectivamente.

No Arquivo da Igreja do Loreto existe um documento que ilustra a relação entre a igreja e os conventos de Lisboa, convidados a enviar pregador para os serviços litúrgicos⁴. Intitula-se “*Pauta dos Sermoes p.^a a Igr.^a distribuídos p.las Religioes Com Cartas q. se pedem aos Ex.mos Nuncios*”⁵ e está organizada por meses e dentro deles por dias com a menção da festa e a Ordem e estabelecimento a convidar. Quanto à data parece ser da primeira metade do século XVIII e, certamente, anterior ao sismo de 1755. Não há, por conseguinte, um contacto individual pois a escolha do pregador pertenceria à casa religiosa.

Transcrevemos a Pauta, de forma livre, mas respeitando o conteúdo, indicando o mês e os dias, para que se requeria pregador, com a menção da celebração, do convento convidado e da respetiva Ordem.

- Janeiro – 1, Circuncisão do Senhor (convento da Boa-Hora, Eremitas Descalços de Santo Agostinho); 6, Epifania (mosteiro dos Paulistas, Eremitas de S. Paulo); 14, Sto Nome de Jesus (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos); 21, Septuagésima (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 22, S. Vicente (convento de S. Domingos, Dominicanos); 28, Sexagésima (convento do Carmo, Carmelitas Calçados).

- Fevereiro – 2, Purificação de Nossa Senhora (casa de Nossa Senhora da Divina Providência, Teatinos); 4, Quinquagésima (convento de S. Pedro de Alcântara, Franciscanos Arrábidos); 7, Cinza (casa de S. Roque, Jesuítas); 11, Dominga 1.^a da Quaresma (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 18, Dominga 2.^a da Quaresma (convento de S. Pedro

⁴ Agradeço à Doutora Nunziatella Alessandrini, para além do amável convite para escrever este texto, a disponibilidade de uma cópia do documento.

⁵ ANSL (Arquivo de Nossa Senhora do Loreto), Caixa II, maço 2, *Feste e Culto Divino* 3.

de Alcântara, Franciscanos Arrábidos); 24, S. Matias apóstolo (convento da Trindade, Trinitários); 25, Dominga 3.^a da Quaresma (casa de Nossa Senhora da Divina Providência, Teatinos).

- Março – 4, Dominga 4.^a da Quaresma (convento do Carmo, Carmelitas Calçados); 11, Dominga de Paixão (casa de S. Roque, Jesuítas); 18, Dominga de Ramos (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos); 19, S. José (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 22, Mandato (convento da Boa-Hora, Eremitas Descalços de Santo Agostinho).

- “Abril digo Maijo” – 1, S. Filipe e S. Tiago apóstolos (convento da Graça, Eremitas de Santo Agostinho); 3, Ascensão do Senhor (convento de S. Domingos, Dominicanos); 13, Páscoa do Espírito Santo (convento da Trindade, Trinitários); 20, Santíssima Trindade (mosteiro dos Paulistas, Eremitas de S. Paulo).

- Junho – 13, Sto António (convento de S. Domingos, Dominicanos); 24, S. João Baptista (convento do Carmo, Carmelitas Calçados); 29, S. Pedro (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos)

- Julho – 5, Anjo Custódio (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 12, Sta Maria Madalena (casa de Nossa Senhora da Divina Providência, Teatinos); 25, S. Tiago Apóstolo (convento da Boa-Hora, Eremitas Descalços de Santo Agostinho); 26, Sta Ana (casa de S. Roque, Jesuítas).

- Agosto – 5, Nossa Senhora das Neves (convento da Trindade, Trinitários); 10, S. Lourenço (convento do Carmo, Carmelitas Calçados); 15, Ascensão de Nossa Senhora (casa de S. Roque, Jesuítas); 19, S. Joaquim (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos); 24, S. Bartolomeu (mosteiro dos Paulistas, Eremitas de S. Paulo).

- Setembro – 9, Santíssimo Nome de Maria (convento da Graça, Eremitas de Santo Agostinho); 21, S. Mateus Apóstolo (convento de S. Domingos, Dominicanos); 29, S. Miguel Arcanjo (mosteiro dos Paulistas, Eremitas de S. Paulo); 30, S.

Jerónimo (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos).
- Outubro – 7, Santíssimo Rosário (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 14, Nossa Senhora dos Remédios (convento de S. Domingos, Dominicanos); 28, S. Simão e S. Judas (convento da Graça, Eremitas de Santo Agostinho).
- Novembro – 1, Todos os Santos (casa de S. Roque, Jesuítas); 4, S. Carlos Borromeu (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos) e Defuntos (convento de S. Pedro de Alcântara, Franciscanos Arrábidos); 11, S. Martinho (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 25, Santa Catarina (convento do Carmo, Carmelitas Calçados); 30, Santo André (convento de S. Domingos, Dominicanos).
- Dezembro – 2, Dominga 1.^a do Advento (casa de S. Roque, Jesuítas); 9, Dominga 2.^a do Advento (casa de Nossa Senhora da Divina Providência, Teatinos); 16, Dominga 3.^a do Advento (convento de S. Francisco da Cidade, Franciscanos); 21, S. Tomé Apóstolo (convento de Jesus, Ordem 3.^a de S. Francisco); 23, Dominga 4.^a do Advento (casa de S. Roque, Jesuítas); 27, S. João Apóstolo (convento da Boa-Hora, Eremitas Descalços de Santo Agostinho).

Trata-se de casas religiosas próximas da igreja do Loreto, sendo as mais distantes o convento da Graça e o de Jesus, e a casa dos Teatinos. A variedade cobre várias “religiões” como ao tempo se designavam as ordens, mas o número de casas leva a convites repetidos ainda que não se verifique uma rotatividade certa. Vemos que há meses com muitas solicitações, nalguns casos em dias sucessivos e, num deles, em novembro, há até duas celebrações com sermão atribuído a pregadores de dois conventos diferentes. Na lista mensal estranha-se a confusão entre abril e maio que deixa sem sermões o primeiro. Quanto às festas litúrgicas, não se distinguem substancialmente das que seriam levadas a cabo noutras igrejas, mas assinala-se a festa de S. Carlos Borromeu, santo italiano da Contra-Reforma, ao qual foi dedicado, aliás, um sermão impresso em 1646.

PREGADORES DO LORETO E SEUS SERMÕES⁶

Dos sete sermões impressos, atrás referidos, dois são do século XVII e cinco do século XVIII. Quanto à tipologia, verificamos que há dois que correspondem a quadras religiosas, portanto, à prédica ordinária, no caso o primeiro domingo do Advento e o domingo da Septuagésima. Dos restantes, três são dedicados a santos, um a S. Carlos Borromeu e dois a S. Justino mártir, estes com a particularidade de se destinarem à mesma festa e no mesmo ano, tendo um sido pregado, mas o outro não. Veremos mais adiante a circunstância. Dentro dos sermões extraordinários encontram-se dois que são, explicitamente, de ação de graças e ambos relacionados com Nossa Senhora do Loreto.

Cronologicamente, o mais antigo sermão impresso que conhecemos é o *Sermão do glorioso S. Carlos Borromeo... pregado na igreja do Loreto desta cidade de Lisboa em quatro de Novembro do anno de 1646...*, pelo dominicano Frei Tomás Aranha (1588-1663) e publicado em 1647. Era natural de Coimbra, bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra e foi considerado no seu tempo, um pregador ilustre. Desempenhou várias funções na Ordem entre as quais a de reitor do colégio de S. Tomás, de Coimbra. (BL III-739).

Ao franciscano Frei António dos Arcanjos (1632-1682) coube pregar o *Sermão na dedicação da igreja de N. Senhora do Loreto reedificada pela Nação Italiana na corte de Lisboa, pela haver abrasado o fogo... pregado em oytro de Setembro de 1676*, publicado, sem data em Lisboa, mas previsivelmente no mesmo ano em que foi pregado. Natural de Évora, professou na

⁶ Ainda que existam outras peças impressas de oratória sacra pregadas na igreja do Loreto, neste artigo trataremos, exclusivamente, de sermões. Para os que encontramos, incluem-se não só os dados relativos ao título e à edição como também uma apreciação sobre a circunstância predicativa e nota biográfica sobre o pregador. Para o efeito utilizámos, como fonte, a Bibliotheca Lusitana, de Diogo Barbosa Machado, na edição de Lisboa, 1741-1759 e referimo-la no texto com a sigla BL, seguida do n.º do volume e página.

Ordem dos Frades Menores, Província dos Algarves. Ensinou Filosofia e Teologia e desempenhou vários cargos na Ordem tendo sido eleito Provincial em 1663. Ao tempo deste sermão era o pregador do príncipe regente D. Pedro. (BL I-208).

É também de um franciscano, Frei Sebastião da Encarnação (1660-1735), o *Sermão do domingo da Septuagesima pregado na igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa*, editado em 1706. Era natural de Celorico da Beira e professou na Ordem Terceira da Penitência. Estudou as “sciencias escolasticas” e, entre outras funções que desempenhou, foi Reitor do colégio de S. Pedro, de Coimbra. Foi um ativo pregador. (BL III-687).

O *Sermam de aççam de graças à Virgem Senhora Nossa de Loreto pelo bom successo da jornada que com seu favor conseguiu o Eminentissimo Senhor Cardial de Conti, indo desta corte de Portugal para a curia de Roma*, foi pregado por Frei Francisco de Brito, eremita de Santo Agostinho e impresso em 1711. Não se conhece a data de nascimento, mas sabe-se que foi em Évora, professando em 1689 no convento da Graça, de Lisboa. Foi um pregador de reconhecido mérito, e desempenhou os cargos de Visitador da Província, Pregador Geral e Prior do convento de Lisboa. Faleceu em 1726. (BL II-125).

Seguem-se os dois sermões para a festa de S. Justino. Um foi escrito por Frei José António Monteiro Bravo (1710-?), freire da Ordem de Santiago e Cónego Regrante de Santo Agostinho, mas não chegou a ser pregado. O autor alcançou alguma notoriedade na oratória sacra e na arte poética (BL II-823). O título do sermão dá a entender, em parte, a circunstância: *Sermão do invictissimo martyr S. Justino que na igreja de N. Senhora do Loreto da nação Italiana, onde se acham depositados os ossos do mesmo Santo, não pregou por certo incidente Joseph António Monteiro Bravo, Conego Regrante de Santo Agostinho e Freire conventual no Real Convento de Palmela da Ordem de Santiago da Espada*. O incidente em questão, conforme o autor explica no prólogo, deveu-se ao

facto de não ter querido receber a bênção de joelhos, mas sim de pé, como era devido à sua Ordem. Trata-se de uma situação invulgar denotando da parte do religioso que se recusou a pregar, uma necessidade de se justificar, mas, ao mesmo tempo, um genuíno orgulho pelo texto que tinha preparado e que o levou a intentar a publicação. O facto de ser necessário um substituto (supomos que rapidamente) terá, com certeza, originado alguma perturbação à igreja do Loreto que, no entanto, se compôs com a escolha de um outro religioso para garantir a prédica. Existem, pois, dois sermões para a mesma ocasião, impressos no mesmo ano de 1737 e pelo mesmo impressor. O segundo é de Frei José Caldeira e intitula-se *Sermão do invictíssimo martyr S. Justino que, na solenidade que se lhe consagra na igreja de N. Senhora do Loreto da nação italiana na primeira domingo de Setembro, pregou neste presente anno de 1736 o doutor Joseph Caldeira*. Nascido em Lisboa em 1701, professou na Ordem Militar de Cristo. Desempenhou várias funções entre as quais a de Ouvidor na igreja de Nossa Senhora da Conceição (Velha) em Lisboa. Em 1750, na igreja do Loreto, proferiu uma oração fúnebre por ocasião da morte de D. João V, impressa em 1751. (BL II-836 e IV-204)

Cronologicamente, o último sermão impresso que localizámos intitula-se *Sermão do Juízo Final pregado na primeira domingo do Advento em a corte de Lisboa na igreja do Loreto*, data de 1739 e foi pregado por Frei Matias da Conceição, franciscano arrábido. Era natural de Palmela e professou em 1704. A sua carreira desenvolveu-se, sobretudo, no convento de Mafra primeiro como Mestre de Novços e, de seguida, como Bibliotecário. (BL III-453)

DOIS SERMÕES PARA A NAÇÃO ITALIANA

Como o título indica vamos analisar em pormenor, dois sermões diretamente ligados à Nação italiana e à sua igreja. São

eles o *Sermão do glorioso S. Carlos Borromeo...*, pregado pelo dominicano Frei Tomás Aranha, no dia 4 de novembro de 1646 e o *Sermão na dedicação da igreja de N. Senhora do Loreto reedificada pela Nação Italiana na corte de Lisboa, pela haver abrasado o fogo...*, pregado pelo franciscano Frei António dos Arcanjos, no dia 8 de setembro de 1676.

O sermão dedicado a S. Carlos Borromeu (1538-1584) apresenta uma textura apologética, como era de uso, valorizando o percurso de vida e as virtudes deste importante santo italiano que foi cardeal de Milão e se distinguiu pela sua ação reformadora, na esteira do concílio de Trento. Na folha de rosto (Fig. 1)⁷ chama, desde logo, a atenção, a detalhada nota biográfica com que o autor se apresenta. Trata-se de uma prática muito vulgar nos sermões editados que pretendia, certamente, justificar as competências e qualidades do pregador. Seguem-se as licenças dos membros da própria Ordem e depois o *imprimatur*, propriamente dito. Nas licenças, a Ordem enaltece as qualidades do sermão, no conteúdo e no estilo e nelas percebemos que o autor acrescentou alguns parágrafos “para ampliação & melhor explicação dos louvores” feitos a S. Carlos Borromeu. Fica patente que a oportunidade proporcionada pela edição permitia alguma modificação e/ou ampliação ao texto pregado. Na nota “Ao Leitor” (f. 4v) o autor refere: “alguns ouvintes mais maliciosos que críticos ... arrazoarão mal do que eu pratiquei tocante a quem com sua pessoa, officio & assistência authorizava o solemne daquelle dia.” Assim, preferiu, na forma impressa, constituir toda a sua narrativa em função da figura do santo “com singular cuidado & ambiciosa aplicação”.

Para além do elogio a S. Carlos Borromeu, tem este sermão várias páginas dedicadas aos reis de Portugal louvando as suas virtudes, no tocante ao “Amor de Deus” e ao respeito pelas autoridades religiosas e ordens regulares. Só no final

⁷ A Biblioteca Nacional de Portugal tem um exemplar digitalizado (purl.pt/29325) de onde se retirou a imagem, que agradecemos.

se encontra uma brevíssima referência à celebração do santo na igreja do Loreto: “Ponde (glorioso Sancto) os olhos na devação [sic], luzimento e grandeza com que nesta Igreja do Loretto, onde com tanta perfeição e pontualidade, se dá à execução tudo o que pertence ao Culto divino estes devotos Paisanos Vossos vos festejão e honrão.” (f. [26] v.).

Já o sermão pregado pelo Padre Mestre Frei António dos Arcanjos, celebrando a reedificação da igreja do Loreto após o incêndio que a destruíra, constitui-se como um elogio à ação da Nação italiana no seu esforço de reconstituir o templo. A folha de rosto (Fig. 2)⁸ é muito explicativa sobre os atributos do pregador, como tínhamos visto no exemplo anterior, e dá relevo ao facto de ter assistido à cerimónia de consagração do novo edifício, o Príncipe Regente D. Pedro de quem, aliás, Frei António dos Arcanjos era pregador na sua capela. O estilo que adotou e a narrativa que faz privilegiam dois factos: a catástrofe descrita através de comparações e metáforas e o empenho da Nação italiana na recuperação da igreja, que percorre de forma muito encomiástica. Desenvolve um paralelo entre a igreja do Loreto, em Itália (que celebra a casa onde teria nascido “a Mãe de Deus”) e a sua émula, em Portugal. Justifica o facto de ter escolhido uma citação de S. Mateus, para início do sermão, por ele ter sido “negociante” o que lhe permite estabelecer uma relação explícita com as atividades dos membros da nação italiana em Portugal. Logo no início refere: “Este Templo julgo eu que será o livro no qual em Portugal se hão de ler enquanto durar o Mundo, as grandezas de Italia...” (p. 4).

Mais adiante, quando aborda o incêndio de 29 de março de 1651, o pregador discorre sobre a simbólica do fogo para concluir que, apesar da destruição, foi possível reedificar a igreja graças aos “dispêndios” da nação italiana. A terminar, acentua a boa relação entre portugueses e italianos (tão opor-

⁸ A Biblioteca Nacional de Portugal tem um exemplar digitalizado (purl.pt/23439) de onde se retirou a imagem, que agradecemos.

tuna neste ano em que se celebram os 500 anos da igreja do Loreto) com as seguintes palavras:

“Mas como eu vejo hoje o aplauso de festa tão insigne illustrado com assistência de tão grande Princepe, & tantos Vasallos, se não fora para acreditar a fé Italiana, bem pudera escusar esta advertencia à cortezia portuguesa; porque eu considero que se nesta casa do Loreto ficarão gravados os créditos de Italia, também se hão esculpir nella os aplausos de Portugal...” (p. 23).

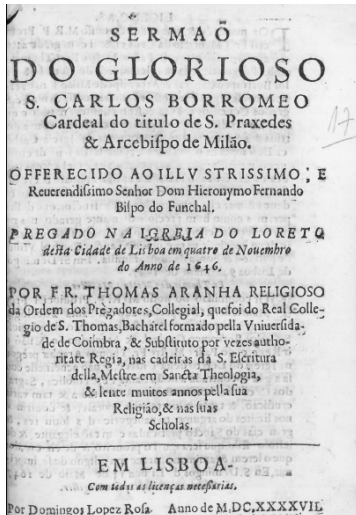


Fig.1

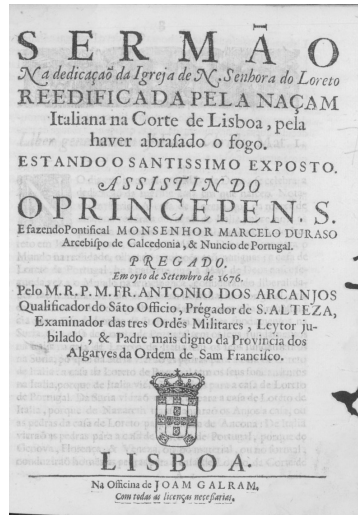


Fig.2

BIBLIOGRAFIA

- Alessandrini, Nunziatella (2015), “Italianos em bairros de Lisboa (século XVII)”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, ISSN 2183-3176, 2ª Série, nº 3 (Jan.-Jun.), pp. 109-125.
- Alessandrini, Nunziatella; Bartolomei, Teresa, org. (2018), *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018: una chiesa italiana in terra portoghese*, Lisboa, Fábrica da Igreja Italiana do Loreto.
- Castro, Aníbal Pinto de (2008), *Retórica e teorização literária em Portugal: do Humanismo ao Neoclassicismo*, 2ª ed., Lisboa, INCM.

Cenáculo, Manuel do (1776), *Memorias históricas do ministério do púlpito por hum religioso da Ordem Terceira de S. Francisco*, Lisboa, Regia Officina Typografica.

Filippi, Sergio (2013), *La chiesa degli italiani: cinque secoli di presenza italiana a Lisbona negli archivi della chiesa di Nostra Signora di Loreto*, Lisboa, Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto.

Machado, Diogo Barbosa (1741-1759), *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, of. de António Isidoro da Fonseca.

Marques, João Francisco (2000), “A palavra e o livro”, in *História religiosa de Portugal*, dir. Carlos M. Azevedo, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. II, pp. 377-417.

— (2001), “Oratória sacra ou parenética, II-Época Moderna”, in *Dicionário de História religiosa de Portugal*, dir. Carlos M. Azevedo, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. III, pp. 482-499.

Mendes, Margarida Vieira (2003), *A oratória barroca de Vieira*, 2ª ed., Lisboa, Caminho.